Fênix do Prata

País se recupera da crise de 2001 com quatro anos de taxas chinesas de crescimento, mas há muitas incertezas já para o futuro próximo

A CASA ROSADA, SEDE DO EXECUTIVO ARGENTINO, E KIRCHNER: PAÍS EM ALTA, PRESIDENTE EM ALTA

JORGE FÉLIX, DE BUENOS AIRES

Quem desembarca na capital argentina pode pensar que está chegando a uma cidade recém-saída de uma catástrofe climática, uma guerra ou qualquer outra coisa que a tenha obrigado a reerguer-se por completo. É obra para todos os lados. Nas ruelas residenciais, prédios inteiros foram ao chão e darão lugar a outros igualmente finos e altos, mas muito mais modernos. O trânsito sofre com o constante .vai-e-vem de caminhões e caçambas. Nas grandes avenidas, sobretudo ao redor do complexo de Puerto Madero, imensos arranha-céus começam a mudar a cara de Buenos Aires, emprestando-lhe de novo o ar de metrópole perdido após sucessivas crises econômicas.

Se chegar ao hotel e ligar a tevê, o viajante ficará ainda mais desnorteado. Nada aconteceu para justificar os canteiros de obras. O telejornal, quase todo, é tomado por notícias sobre assaltos a residências. Uma senhora humilde teve a pequena casa invadida e levaram inacreditáveis US$ 20 mil. *Cash*. Várias quadrilhas aproveitaram-se das férias de verão, quando os portenhos rumam para Mar dei Plata ou Florianópolis, para roubar. Os assaltos a casas são um dos maiores problemas nacionais. De cada uma, os ladrões levam pequenas fortunas. Sempre em dólares.

O que uma coisa tem a ver com a outra? E o que as duas têm a ver com a intenção de explicar o crescimento econômico da Argentina de 9% em média nos últimos quatro anos? Segundo os especialistas, boa parte da pujança argentina pode ser explicada pela total falta de credibilidade na economia do país. Parece um paradoxo. Não é. O trauma de muitas crises fez o argentino inventar o que chamam de *colchón bank* - ou banco colchão. O descrédito e o ceticismo no governo e no sistema financeiro são tão grandes que as pessoas só se sentem seguras com o dólar na mão. Ou, literalmente, no colchão.

LULA, KIRCHNER E CHÁVEZ NA CÚPULA DO MERCOSUL NO RIO DE JANEIRO: VENEZUELA APÓIA, MAS ATRAPALHA

Economias em dólares

O argentino mantém grande parte de suas economias ou no exterior ou em casa. Sempre em dólar. Natural para um país com inflação de 100% ao ano durante 14 anos (1975-1991), sendo dois de hiperinflação superior à da Alemanha pré-Hitler, batendo 5.000% em 1989. Nesse período, 20 ministros trocaram o nome da moeda três vezes e lhe cortaram treze zeros. Nada adiantou. Até que Domingo Cavallo decidiu aceitar a realidade e adotou a conversibilidade. Sinônimo para dolarização. Foi a única maneira de conter a fuga de capitais. Os argentinos gostaram, a economia saiu da recessão (diminuiu 10% na década de 8o) para um crescimento médio anual de 5% até 1996.

Mas a partir de 1998 o país esfriou. A crise culminou em 2001. Cavallo tornou-se vilão e até hoje mora nos Estados Unidos. O então presidente Fernando de Ia Rua fugiu da Casa Rosada, o palácio presidencial, de helicóptero. Em duas semanas, cinco nomes passaram pela Presidência da República. Mais uma vez a vítima foi a moeda, já então novamente chamada peso. Com a desvalorização, ela perdeu 60% do valor da noite para o dia. Em 2003 assumiu Néstor Kirchner, o presidente eleito com o menor número de votos (22%) entre todos que chegaram à Casa Rosada. "A Argentina está dez quilômetros abaixo da terra", disse ele na posse.

No auge da crise, Cavallo voltou ao Ministério da Fazenda, segundo ele, com uma missão: fazer com que todos os que tivessem dinheiro guardado investissem no país para fazê-lo voltar a crescer, Embora a imprensa tenha revelado o escândalo de que o próprio ministro, como bom argentino, mantinha sua fortuna no exterior - e em dólar -, ele estava certo, embora tenha fracassado naquele momento. Kirchner conseguiu

MÃE DE RAPAZ SEQÜESTRADO E MORTO PROTESTA EM BUENOS AIRES: ESCALADA DA VIOLÊNCIA É UM PROBLEMA GRAVE

o feito de, em apenas dois meses, devolver ao país o ritmo de crescimento de 5% ao ano. Era novamente o milagre argentino a surpreender o mundo. O país, mais uma vez, tão rápido quanto baixara ao centro da Terra, voltava à superfície.

"O que ocorre agora é que boa parte desse dinheiro voltou para a economia em forma de aplicação em imóveis, aqueceu a construção civil, importante foco de estímulo e criação de empregos, e fez a economia crescer rápido", explica Jorge Castro, analista econômico do diário *La Nación.* Depois de escreverem na história da economia um *cacerolazo* (quando bateram panelas na porta dos bancos), um *corralito* (confisco) e um *corralón* (o segundo confisco), os argentinos, aos poucos, decidiram apostar na moeda nacional. A queda da taxa de juros americana ajudou bastante.

Um dos principais analistas políticos do país, Rosendo Fraga, lembra que, nos últimos 6o anos, a Argentina sofreu uma crise econômica a cada cinco. Segundo ele, agora o país é um dos que mais cresce na América Latina - ao lado de Venezuela e Uruguai - simplesmente porque também, assim como esses mesmos vizinhos, foi um dos que amargou a crise mais aguda entre 2000 e 2002. "A questão é se a Argentina cumpriu o primeiro terço de uma década que mudará para melhor a sua história econômica ou se falta apenas um ano e meio para uma nova crise", disse ele à Update.

Hábito disseminado

Foi o efeito *colchón bank.* Até os órgãos oficiais já mostraram que ele é mais do que um folclore ou um hábito de poucos. É um fenômeno cultural e econômico sério. Segundo o Banco Central argentino, em 2002, havia US$ 35 bilhões nesse tipo de "aplicação" - o triplo das reservas internacionais do país naquele ano. O Instituto Nacional de Estatística e Censos (Indec), o IBGE argentino, afirma que o *colchón bank* resistiu até aos períodos de estabilidade e triplicou de 1991 a 2002. Em 1991, depois da hiperinflação, os argentinos ainda guardavam em casa US$ 11 bilhões, e apenas três anos depois a economia já crescia a 8% ao ano.

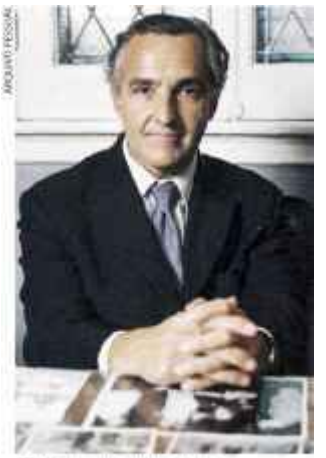
UMA DAS MUITAS OBRAS EM ANDAMENTO NA CAPITAL, HOJE UM CANTEIRO DE OBRAS

É claro que, em termos macroeconômicos, conta muito o perfil do país - de 37 milhões de habitantes, e com índice de analfabetismo próximo de zero desde o século 19 - e as decisões de governo, principalmente, a moratória da dívida pública em 2001, a maior na história da humanidade. A dívida em *default* foi de US$ 88 bilhões (superior a 100% do PIB na época). A renegociada em 2005 passou dos US$ 100 bilhões. E hoje o país ainda deve US$ 47,5 bilhões.

Com um crescimento tão imediato e prolongado, alguns começaram até a questionar se o que aparentemente foi bom para a Argentina pode sê-lo para outros países da América Latina. No entanto,

o economista Luciano Laspina, da MacrovisionConsultoria,alertapara as lições aprendidas com a crise. A moratória fez a economia respirar, mas o país havia encolhido 20% de 1999 a 2002, Dos 750 bancos que tinha em 1983 restaram cerca de 100, A Argentina perdeu niais de 50 mil profissionais qualificados, que ganharam o mundo e só agora começam a voltar para casa. Mais da metade da população passou a ser considerada pobre, 1/5 é indigente e 1/3 dos trabalhadores não tem emprego. Em 2005, esses números começaram a mudar rapidamente. Mas o preço do calote foi alto. E continua a ser pago pelos mais pobres. Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), seria necessária uma década de crescimento em torno de 6% ao ano para incluir os novos excluídos. "As crises deixaram alguns ensinamentos gravados a fogo", escreveu Laspina em recente artigo no diário *Clarín.*

Se por um lado afastou o país de uma convulsão social, deixando o Estado sem a obrigação de pagar juros da dívida com o superávit fiscal (4/6 do PIB em 2006) e livre para assumir um papel de investidor e promotor do crescimento, a moratória hoje é o grande entrave à sustentabilidade do crescimento de longo prazo. "Ficaram longe os tempos em que o superávit fiscal era associado, sem atenuantes, ao perigo da recessão econômica", afirma Laspina. O governo Kirchner atualmente esforça-se para fazer o mercado internacional voltar a acreditar na Argentina. É o processo de "normalização". Está dando resultado, mas tem sido um trabalho hercúleo feito pelo secretário de Finanças, Sérgio Chodos, em périplo pelo mundo para promover o Bonar, o bônus argentino, Embora a Venezuela tenha adquirido os primeiro bônus, os ventos chavistas na América Latina têm atrapalhado muito, o que explica a postura hostil de Kirchner no Mercosul.



FRAGA: NAS ÚLTIMAS 6 DÉCADAS, A ARGENTINA VIVEU UMA CRISE A CADA 5 ANOS

Um *paper* do Morgan Stanley sobre a Argentina divulgado recentemente alerta: "O otimismo dos investidores (que compram os títulos do país) parece implicar na premissa de que, a uma determinada altura, as autoridades conseguirão resolver algumas das distorções emergentes encontradas na economia hoje. No entanto, se o consenso de um pano de fundo global benigno se mostrar errôneo, tememos que as autoridades talvez não consigam engendrar um pouso suave."

O grande desafio em 2007, segundo Jorge Castro, do *La Nación,* será atrair capital. Em 2006, o Investimento Estrangeiro Direto (IED) tinha caído 29,5% até outubro. Nestes anos de crescimento chinês a Argentina aproveitou-se <ie uma capacidade industrial ociosa gigantesca. Quando estava a dez qullômetros de profundidade, em 2002,;apenas 40% das instalações índust;riais eram necessárias para atendeT a demanda. Era a recessão. o <:olapso. Hoje muitos setores já bateiam 100%. "Até então não houve ilecessidade de investimentos, bastava usar o que havia. Agora como podemos crescer como a China se nossa taxa de investimento é, proporcionalmente ao PIB, a metade da chinesa?", pergunta Castro.

O PRESIDENTE DE LA RUA *(NA FOTO MENOR)* FOGE DA CASA ROSADA DE HELICÓPTERO EM 2001

Vitória no F turno

Com a intenção de ganhar já no primeiro turno a eleição marcada para outubro deste ano, Kirchner começou a utilizar "uma artilharia pesada", como define o analista político Miguel Ángel Broda, do Centro de Estudos Nueva Mayoría, um dos principais *think-tanks* do país, "Está claro que o ciclo eleitoral produzirá uma peronização da política econômica", prevê. O maior objetivo do

presidente é manter a política cambial, o último pilar do crescimento argentino - depois do *colchón bank* e da moratória. O último, mas não o menos importante. Pelo contrário,

O EX-MINISTRO DA ECONOMIA ROBERTO LAVAGNA É UM DOS CANDIDATOS DA OPOSIÇÃO À PRESIDÊNCIA

O peso desvalorizado (atualmente em 3,10 para l dólar) tem sustentado o superávit fiscal argentino. O presidente Kirdmer tem conseguido dosar o remédio com medidas de aumento de tributação sobre as exportações - a da soja, por exemplo, passou de 24% para 27%. O turismo está sendo amplamente beneficiado. Outra vantagem é o alto preço de *commodities* como o gás e o petróleo, que a Argentina produz. Por outro lado, o gasto público está crescendo cora políticas sociais ou, para os seus adversários, assistencialistas, e a decisão política de ampliar o pape! do Estado na economia.

Esse cenário acendeu uma luz vermelha. O crescimento sustentado pelo consumo interno e pelos cofres públicos, acreditam os economistas, está com os dias contados, "É preciso evitar três problemas: um incremento imprudente do crédito e do preço dos ativos que conduza a correções futuras, uma posição fiscal com pouco oxigênio para sustentar o gasto público, e um relaxamento das expectativas inflacionárias", enumera Laspina.

Este último ponto obrigou Kirchner a disparar a primeira bala de sua artilharia peronista. Com índices de inflação altos, em média 10,5% ao ano, de 2003 a 2006, o presidente adotou um congelamento parcial dos preços. Os produtos ou serviços escolhidos são os que mais pesam no índice e afetam o setor produtivo, como a energia elétrica. Se não bastasse, o governo, neste início de ano eleitoral, ainda decidiu baixar a inflação excluindo do cálculo do índice um reajuste de mais de 20% nos planos de saúde. OIPC de janeiro ficou em 1,1%, mas a oposição - incluindo o ex-ministro da Economia no próprio governo Kirchner, Roberto Lavagna, candidato a presidente - afirma que o número real é de 2,2%.

Força da classe média

Para anúnciar o índice menor, o Ministério da Economia demitiu a presidente do Indec, Graciela Bevaqua, provocando manifestações em frente à sua sede e polêmica política. "Ainda é cedo para medir, mas isso pode trazer conseqüências para a campanha eleitoral", acredita Castro. Ele lembra que há no país uma instituição que não aceita esses "golpes": a classe média. No mercado internacional, os títulos argentinos pós-de/aulr, indexados à inflação, sentiram o golpe. "Mais cedo ou mais tarde, os acordos e controles para conter a inflação irão fracassar e os preços das com-*modities* podem cair", afirma Fraga. Mesmo assim, o país promete resistir: a safra deste ano será a maior em dez anos e espera-se um recorde de US$ 25 bilhões nas exportações de alimentos.

CAVALLO ACEITOU O INEVITÁVEL E DOLARIZOU A ECONOMIA

A inflação é apenas um dos gargalos da economia. Um dos mais perigosos devido ao passado traumático, mas há outros tão desafiadores para Kirchner sustentar o crescimento. O maior deles é a infra-estrutura. Assim como as indústrias estão no limite de sua capacidade de produção, as estradas, os aeroportos e o setor de energia e abastecimento de água dão sinais de esgotamento. Em Buenos Aires, devido às novas construções, os moradores reclamam de falta de água ou da redução da força nas torneiras residenciais. Os apagões são constantes em bairros e cidades do interior (como Mendoza, na região vinícola, onde foram instaladas inúmeras e gigantescas bodegas com capital francês e americano). Os aeroportos começam a cancelar vôos sob a pressão dos controladores.

O maior problema é nas estradas. Nos primeiros 15 dias de janeiro, o número de acidentes e de mortos superava o de todo o mês de janeiro de 2006. O país vivia uma comoção nacional com famílias inteiras mortas em rodovias mal sinalizadas e sem radares de aferição de velocidade, quase todas de pistas de mão dupla, onde os automóveis de passeio disputam a sobrevivência com caminhões e carretas. Não há soluções de engenharia. Os retornos, por exemplo, são feitos na contramão. Com permissão do Estado. O debate e a cobrança por modernização das rodovias tomavam conta dos programas televisivos e das manchetes de jornais. Em vez de um projeto de recuperação das rodovias, o governo anunciou a instalação de radares e as impopulares multas. Pode até reduzir os acidentes, mas pouco ajudará a economia, •

Fonte: Update, ano 23, n. 436, p. 24-28, mar. 2007.